



Robert P. MORGAN

## Notas sobre Arnold Schoenberg

MORGAN, Robert P.: Twentieth-century music: a history of music style in modern Europe and America.  
W. W. Norton and Company. USA. 1991. p. 187-188<sup>1</sup>

### Incerteza artística

Para Schoenberg, o começo dos anos do pós-guerra marcaram um período de revisão e consolidação. A erupção de hostilidade em 1914 tinha deixado o compositor em estado de incerteza artística. Depois do *Pierrot lunaire* (1912) e *Die glückliche Hand* (1913) sua produção diminuiu significativamente. Schoenberg foi chamado para a guerra em dezembro de 1915 e até 1923 ele só compôs as “Quatro peças orquestrais” Op. 22 (1916).

### Caráter intuitivo

Ele tinha alcançado um nível pouco confiável no que diz respeito ao caráter ‘intuitivo’ de sua música antes do início da guerra. Apesar do seu provisório senso criativo de liberdade e pouca sistematização de sua música atonal, ele acreditou serem estes procedimentos inadequados para extensão e desenvolvimento da composição. Ele emergiu dos tempos de guerra determinado a restabelecer de maneira forte e consciente o elo da velha tradição ocidental.

Mas para um compositor tão profundamente comprometido com a irreversibilidade histórica da evolução da música em relação ao cromatismo total, não se poderia retornar ao diatonismo ou ao novo tipo de tonalidade. O que era preciso era um sistema para a música cromática de uma maneira análoga à música tonal, um sistema capaz de incorporar a nova dissonância das características melódicas e harmônicas da música do século XX dentro de uma maior consciência na concepção e no ordenamento sistemático da estrutura.

### Missão Histórica

Schoenberg acreditou que o desenvolvimento do sistema de doze sons fosse uma missão histórica, e os sete anos de silêncio (1916-23) indica quanta dificuldade ele encontrou neste ofício auto-imposto. Naturalmente neste período ele trabalhou uma série de projetos, e o mais notável deles foi o oratório não-finalizado “*Die Jakobsteiter*”.

Os escritos de Schoenberg sugerem nitidamente que o rompimento da barreira tonal não foi empreendido em plena excitação da descoberta, mas com dificuldade e uma sensação de perda ante o que estava sendo abandonado. Pois Schoenberg não era um vanguardista, ele encarava sua incursão pela atonalidade como consequência inevitável do que viera antes, ele se sentia impelido a seguir em frente, mesmo contrariando sua vontade consciente.<sup>2</sup>

Em 1921 ele confidenciou a um de seus discípulos que tinha feito uma descoberta que “asseguraria a supremacia da música alemã para os próximos 100 anos”: o sistema dodecafônico, acreditando que concederia a continuação dos valores da música tradicional que permaneceria consistente com o caminho já traçado pela evolução da música do século XX. Griffiths comenta que “*se essas palavras de*

<sup>1</sup> Tradução e síntese: Adriano Gado. Disponível em <http://adriano.gado.sites.uol.com.br/Schoenberg.Morgan.htm>

<sup>2</sup> GRIFFITHS, Paul: A musica Moderna. Jorge Zahar Editor. RJ. 1997, p.12

*Schoenberg assumem uma ressonância ainda sinistra, devemos ter em mente que a tradição germânica era para ele o centro da música, e sua continuação, uma necessidade absoluta.*"<sup>3</sup>

Mais tarde Schoenberg explicou que ele desenvolveu o sistema como resultado de uma vontade para além de novos materiais cromáticos que até agora tinha empregado de forma intuitiva,

“como em um sonho (...), a convicção de que estes novos sons obedecem às leis da natureza – e neste caso, convicção no sentido de que a ordem, a lógica, a compreensibilidade e a forma não podem estar presentes sem a obediência de tais leis – força o compositor além da trajetória da exploração. Ele deve encontrar, senão leis ou regras, pelo menos maneiras de justificar o caráter dissonante dessas harmonias e dessas sucessões.”<sup>4</sup>

Para Schoenberg, então, o sistema de doze sons foi capaz de fornecer – e desta forma, repor – as diferenciações estruturais anteriormente fornecidas pela tonalidade.

---

<sup>3</sup> GRIFFITHS, Paul: A musica Moderna. Jorge Zahar Editor. RJ. 1997, p.80

<sup>4</sup> “Composition with Twelve Tones.” Style and Idea: Selected Writings of Arnold Schoenberg. ed. Leonard Stein (New York, 1975), p. 226